

PALAVRAS PROFERIDAS
pela
PROF.^a DR.^a MARIA ARMANDA TEIXEIRA SIMÕES DIAS
Docente do I.S.C.A.

Exm.^o Sr. Reitor; Entidades presentes; Srs. Convidados; Comunicação Social; Meus Amigos; Meu caro Joaquim Cunha

Quando a comissão organizadora desta festa de homenagem me convidou para falar neste momento, confesso que tive alguma hesitação, por considerar que falar do meu amigo Joaquim Cunha não seria, como não é, tarefa fácil.

Porque fácil, nunca é falar de amigos. Não quero correr o risco de, em nome dessa amizade, empolar o elogio, o que não ficaria bem, ou falar de menos, o que seria pior.

A nossa amizade vem de longa data. Acabámos o mesmo curso em Coimbra, já no distante ano de 62. Desse tempo, o Cunha gosta, de me recordar, por vezes, com um sorriso “safado”, de orelha a orelha, que me “deu nas unhas”, em época de praxe, o que me convém dizer que não me lembro.

Cursos acabados, rumos diferentes e só aceitei o honroso convite da comissão, por reconhecer, atendendo à minha antiguidade na escola, que estaria melhor posicionada para contar um pouco da história do nosso Instituto e o meu reencontro com o Joaquim Cunha.

Permitam-me que neste momento, recorde o saudoso Dr. Orlando de Oliveira, que, com todo o seu entusiasmo pelas questões do ensino, acolhe, de braços abertos, a proposta do Sr. António de Almeida, proprietário do Colégio de Oliveira de Azeméis, para fundar em Aveiro um estabelecimento de ensino médio. E é assim, com o suporte do Dr. Orlando, que nasce em 1965 o Instituto Médio de Comércio de Aveiro, destinado a ministrar, principalmente, o curso de Contabilidade.

É uma escola pequena, onde alunos, funcionários e docentes constituem quase uma família. Não foi nada fácil o arranque. As múltiplas dificuldades com que a escola se debatia, fazem esmorecer o

entusiasmo do Sr. Almeida e perante a hipótese de encerramento é, uma vez mais, o Dr. Orlando de Oliveira que sensibiliza a Câmara de Aveiro, da presidência do Dr. Artur Moreira, a assumir as responsabilidades do Instituto, o que acontece de 1968 a 1971.

As dificuldades anteriores mantêm-se, principalmente o incómodo, para os nossos alunos, de terem de se deslocar ao, então, Instituto Comercial do Porto, para anualmente serem avaliados, nos exames finais.

Não se pense, no entanto, que essas dificuldades estavam ligadas à qualidade do ensino, muito pelo contrário. Estivemos sempre à altura das nossas responsabilidades. Como directora, nessa época, sinto muito orgulho pelo trabalho desenvolvido, naquelas circunstâncias.

Em 1971, e ao que não foi estranha a influência política do Governador Civil, Dr. Vale Guimarães, o Instituto Comercial do Porto é autorizado a organizar, na nossa cidade, uma Secção daquele Instituto, o que foi concretizado com a integração da escola particular no ensino oficial.

Como responsável desta Secção, vem para Aveiro um subdirector do Instituto Comercial do Porto, chamado Joaquim Cunha.

Começando a desenvolver um grande trabalho, com muita persistência, objectividade e diplomacia, mesmo sem esquecer a sua ligação ao Instituto do Porto, vai conseguindo ultrapassar os problemas que a escola sustentava, até conseguir a independência pedagógica, o que deu, inclusivamente, uma outra confiança aos próprios alunos.

E é fruto da sua serenidade e da confiança que ele transmitia, que a Secção de Aveiro viveu os anos difíceis depois de Abril de 1974, sem quaisquer contestações, o que não aconteceu em muitas escolas do País.

O seu sonho de dar a Aveiro uma escola independente é realizado em Junho de 75, ao ver criado o Instituto Comercial de Aveiro, com a reconversão da Secção, passando a depender da Direcção Geral do Ensino Superior.

É a partir daqui que o meu amigo Joaquim Cunha assume que será um homem de Aveiro, aliás já o era, pois não terá sido por acaso que ele

escolheu para nascer, o dia da nossa Santa Joana Princesa, o dia 12 de Maio.

E é já como homem de Aveiro que ele vai sonhando, erguendo projectos e objectivos, sem tectos que limitem os seus horizontes.

No desenvolvimento desses projectos, o nosso amigo vai-se multiplicando: ele é o professor, o arquitecto e o gestor, sempre com o pensamento na acreditação da nossa escola.

Era preciso e era urgente ir mais além e então lá estava o Joaquim Cunha, ora rebocando um carro de aparentes utopias, ora carregando um mundo de sonhos. Afinal, sonhos e utopias que sempre soube transformar em realidades.

E devo referir, muito especialmente, o desenvolvimento que ele imprimiu ao ensino da Contabilidade em Portugal, e à construção das novas instalações para a Escola. Lá encontrámos, num lado o pedagogo, no outro o arquitecto.

Tudo isto conseguido com a sua persistência, a sua teimosia.

Porque há que confessá-lo “o nosso amigo Joaquim Cunha foi sempre um homem muito teimoso, democraticamente teimoso”.

Referia o Dr. Cunha, numa recente entrevista e ao falar do nosso Reitor, Prof. Dr. Júlio Pedrosa, ser ele um homem calmo, sereno, que de vez em quando se irrita e leva sempre a água ao seu moinho. Quando li esta entrevista, não pude deixar de sorrir e pensar, que nesse momento, o Cunha devia ter um espelho à sua frente.

Foi certamente a sua “saudável “ teimosia que o ajudou, e de que maneira, a criar a realidade do I.S.C.A.A. de que hoje, todos nós, aveirenses, por nascimento ou opção, tanto nos orgulhamos.

Dentro da Escola, a convivência com o Dr. Cunha nunca foi difícil. Ele é uma pessoa frontal, diz o que entende dizer, o que por vezes nos leva a alguns amuos, felizmente passageiros, pois de imediato surge o Cunha “diplomata” que, com a maior das facilidades consegue ultrapassar a situação.

Mas, não menos relevante, é a face profundamente humana da sua personalidade. Por isso, é que, dentro da nossa escola, sempre encontrámos, nele, a pessoa disposta a ouvir os problemas de cada um,

fossem alunos, funcionários ou professores e a participar nas suas resoluções, sempre que possível.

O Dr. Joaquim Cunha dirigiu a Escola durante 29 anos consecutivos. E, pelo menos nos últimos 25, a sua permanência e acção sempre foram determinadas e regidas por regras democráticas. É este, seguramente, o melhor reconhecimento, pela sua pessoa e pelo seu desempenho.

Não posso, nem quero, neste momento, nesta homenagem, esquecer uma palavra amiga à Clarisse, porque certamente não lhe foi fácil, nestes anos todos, ver o seu marido, quase diariamente ausentar-se para Aveiro, mesmo justificado por tão meritório trabalho. A Clarisse tem também a sua quota parte de colaboração, que eu entendo, sinceramente, destacar.

E, para terminar, meu amigo, eu queria, particularmente, agradecer-lhe **o carinho** com que acolheu a semente, que, de alguma maneira, o foi, a pequena escola, que com o coração eu gosto de dizer “minha”; **o amor** com que a fez germinar; **a paixão** com que criou as condições para que frutificasse, até chegar à grande Escola que hoje temos, que é o nosso I.S.C.A.A.

Por tudo isto e pela sua amizade, o meu muito obrigada.